

Texto I



Texto II

O debate sobre a apropriação cultural ultrapassa as fronteiras de uma discussão individual sobre pessoas brancas poderem ou não usar adereços como turbante, cabelos trançados ou *dreads*. Trata-se, principalmente, de uma discussão sobre racismo, etnocentrismo, capitalismo e sobre o uso que instituições, como a indústria da moda, fazem de produções de grupos minorizados. (...) O fenômeno acontece quando um estrato social historicamente dominante marginaliza uma etnia, uma religião ou uma cultura, tornando seus símbolos e práticas abomináveis aos olhos da sociedade. Com isso, o grupo marginalizado abandona tais práticas, como uma forma de se adequar, na tentativa de sofrer menos preconceito.

“Com esse processo concluído, o mesmo grupo responsável pela marginalização passa, então, a ressignificar essas práticas e símbolos antes condenados, tentando torná-los atraentes para a maioria da população, com vista ao lucro”, explica a bacharel em História e educadora Suzane Jardim. “Nesse processo, toda a essência simbólica dos elementos é perdida. Eles passam a ser apenas objetos de desejo, cada vez mais caros e inacessíveis para os que foram primeiramente hostilizados.”

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>

Texto III

A apropriação cultural, como é dita na internet, não existe. (...) O que existe é a indústria cultural. É interessante pensar que o conceito de apropriação cultural é antigo. Por exemplo, considera-se há tempos como apropriação cultural a introdução da cultura grega no império romano, após a conquista; considera-se apropriação cultural o numeral arábico no ocidente, assim como a tradução e posterior desenvolvimento da filosofia aristotélica pelos árabes no início da Idade Média. No entanto, a dita pós-modernidade é uma época de invenção. (...) Talvez um outro caso famoso seja o do turbante (...). As longas discussões sobre as origens do turbante não levam em consideração que este elemento sempre foi utilizado pelos povos do oriente médio, para além da África, o que já prova a multiplicidade de significados que um mesmo objeto material pode ter em diferentes locais ao longo do tempo. Muito além disso, o que essas discussões esquecem é que o significado de uma prática não se dá nas origens, mas na prática presente. (...) A indústria cultural já sugou toda essência de qualquer símbolo fora das delimitações europeias. Tudo é mercadoria. E não se engane, você é consumidor. Ninguém é especial.

<http://colunastortas.com.br/2015/09/26/a-mentira-da-apropriacao-cultural/>, Valter Magnaroli

Texto IV

Por muito tempo o turbante foi visto de forma pejorativa como “coisa de macumbeiro”. Todo esse contexto faz com que um negro, ao usar um turbante hoje, use-o não apenas como um item estético, mas também como um símbolo de resistência, afirmação e orgulho da ancestralidade. (...) O poeta negro B. Easy publicou em sua conta no Twitter a frase: A cultura negra é popular, pessoas negras não são. A apropriação cultural esquece as práticas rituais e torna invisíveis as lutas desses povos.

<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/branco-pode-usar-turbante-saiba-o-que-e-apropriacao-cultural.htm>

PROPOSTA DE REDAÇÃO: A partir do material de apoio e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: **“A questão da apropriação cultural no Brasil do século 21”**. Apresente proposta de intervenção social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de maneira coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.